

# 6

# **A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

[Artigo 6, páginas de 98 a 109]



**Vagner Martins dos**

**Santos Junior**

*Graduado em educação física  
e monitor de esportes no Sesc  
Ipiranga.*

## RESUMO

A percepção de mundo passa pela forma como as experiências são vividas. Influências sociais, culturais e econômicas como a Revolução Industrial, o surgimento da internet, o boom das mídias sociais e a pandemia de covid-19 contribuem para mudanças no modo de viver em sociedade. Passa-se grande parte do tempo em ambiente digital, tempos se misturam: o ócio com o trabalho, a infância com a adolescência, a fase adulta com a velhice. Como, na velhice, perceber os papéis sociais? Surge, então, a importância de reflexões quanto às conexões entre o ócio e a velhice. A partir de uma revisão bibliográfica realizada em torno das palavras ócio e velhice encontra-se pouca discussão dentro da temática, porém contribuições importantes. Desconstruir narrativas e estereótipos em torno da população idosa e do ócio indica um caminhar em direção à quebra de paradigmas sociais, culturais e conceituais e incita a reflexão de profissionais da saúde, educadores, pesquisadores, familiares e instituições públicas. Reafirma-se a responsabilidade quanto à criação de oportunidades e à democratização do acesso a práticas culturais. Com a finalidade de diminuir distâncias entre os sujeitos e suas percepções sobre si e o mundo na velhice, as páginas seguintes confirmam a importância de um estudo aprofundado dessa temática.

**Palavras-chave:** ócio; velhice; experiências; população idosa.

## ABSTRACT

*The perception of the world involves the way experiences are lived. Social, cultural, and economic influences such as the industrial revolution, the emergence of the internet, the social media boom and the covid-19 pandemic contribute to changes in the way of living in society. Much of the time is spent in a digital environment, times are mixed: leisure with work, childhood with adolescence, adulthood with old age. How, in old age, to perceive social roles? The importance of reflections on the connections between idleness and old age arises. From a bibliographical review carried out around the word's idleness and old age, there is little discussion within the theme, but important contributions. Deconstructing narratives and stereotypes around the elderly population and leisure indicates a move towards breaking social, cultural, and conceptual paradigms. It brings reflection, health professionals, educators, researchers, family members and public institutions. It reaffirms the responsibility for creating opportunities and democratizing access to cultural practices. In order to reduce distances between the subjects and their perceptions of themselves and the world in old age, the following pages confirm the importance of an in-depth study on this theme.*

**Keywords:** leisure; old age; experiences; elderly population.

**Artigo 6****A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

A contemporaneidade nos traz questões reflexivas e significativas quanto ao nosso modo de viver, à maneira como nos relacionamos com outras pessoas e com nós mesmos e com o ambiente em que vivemos.

De maneira acelerada o sistema nos impõe um modo de vida pautado no fazer muitas coisas ao mesmo tempo, quase que sobrepostas de maneira fragmentada. Tornando nossa vida similar a um filme acelerado em que não se torna possível perceber a transição das cenas, seus detalhes, as nuances, as cores, os contrastes, os cenários e a maneira singular com que cada artista representa os personagens da trama.

Podemos observar que na mais tenra infância, nos primeiros meses de vida, famílias são levadas a deixar seus filhos sob os cuidados especializados de escolas, creches e instituições para poderem trabalhar e produzir o sustento necessário para uma vida satisfatória. Algumas crianças passam a infância com atribuições da vida adulta: seja no cuidado da casa ou dos afazeres domésticos e dos irmãos, nas famílias com maior vulnerabilidade social, seja nas escolas integrais, nos cursos extracurriculares, como línguas, práticas corporais, música e aprendizados diversos na qualificação precoce para o mercado de trabalho.

Desde cedo sujeitos sociais são impelidos para a lógica da produtividade pelo sistema econômico e político que oprime e formata trabalhadores e trabalhadoras necessários à sua manutenção de maneira compulsória.

Na adolescência surge a preparação para o vestibular, a necessidade de ajudar na subsistência da família e as inúmeras formas de alienação e formatação dos mesmos sujeitos sociais que passam a acreditar que esse é o modo de vida que escolheram para poderem ser chamados como cidadãos e cidadãs de bem. A lógica de que “o trabalho dignifica o homem” é imprimida dia após dia no cerne de cada ser social, que não encontra saída senão em trabalhar e produzir para “ser alguém na vida”.

Surgem aqueles que se contrapõem ao sistema com posicionamentos contrários à lógica dominante, exigem mais tempo de ociosidade, desejam maior período de descanso e relaxamento, não correspondem ao sistema educacional e são rotulados como “alunos-problema”. Optam por trabalhos autônomos, informais, na contramão da “carteira assinada”, fazem suas próprias agendas e carregam o peso de não corresponderem às expectativas familiares e profissionais.

Na fase adulta muitos ainda se arrependem de um dia terem desejado completar 18 anos, massacrados pela rotina, pelo excesso de

trabalho, pela ausência de possibilidades de fruição no lazer. Relemboram os tempos da infância, das brincadeiras de roda, do futebol na rua, da brincadeira de pegar e das cantigas tradicionais que traziam a certeza de plenitude no estado de liberdade e suspensão do tempo que não era regido pelo relógio e sim pela experiência vivida naquele pequeno grupo social do qual faziam parte. Como adultos, percebem que o lazer é regido pelo tempo de não trabalho que, na sociedade atual, se mistura com o tempo de trabalho. Começam a vislumbrar a velhice de maneira receosa, imaginando um tempo da vida que será desfrutado a partir das possibilidades que a aposentadoria trouxer.

Em uma sociedade desigual, excluente e opressora a aposentadoria se torna uma meta e ao mesmo tempo um fantasma na vida de muitos e muitas que não possuem acesso ao trabalho formal na fase adulta da vida.

Grande parte da população, na velhice, não recebe nenhum tipo de aposentadoria, ficando dependente de recursos provenientes de políticas públicas, essas que mudam de acordo com o sistema de governo vigente. Dentro de um cenário como esse, de incertezas quanto à garantia de direitos essenciais ao longo da vida, como o direito ao brincar, à saúde, à moradia, ao trabalho, ao esporte e ao lazer, como pensar a velhice e suas temporalidades livres de paradigmas utilitaristas e produtivistas?

Surgem questionamentos necessários sobre a atenção à população idosa, que a cada novo ano aumenta numericamente de maneira expressiva na sociedade em que vivemos. Como pensar em uma sociedade que envelhece sem preservar sua subjetividade, sua essência e natureza humana, oferecendo o mínimo para que se possa contribuir com significado às gerações que estão por vir?

Em meio a um cenário pandêmico com alta taxa de mortalidade no mundo, a população idosa configura em lugar de destaque no que se refere à manutenção e prevenção da saúde e da vida.

De maneira globalizada, a informação percorre as redes sociais a cada clique, inundando a todos com uma avalanche de caracteres em conexão formando a matrix na qual estamos inseridos. Dessa forma torna-se necessário pensar de que maneira, ao longo da vida, buscamos, processamos e utilizamos a informação. Para isso, vale recorrer ao professor de filosofia da educação Jorge Larrossa em seu texto disponível na *Revista Brasileira de Educação*:

**Artigo 6****A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSSA, 2002, p. 21)

Assim, criamos possibilidades de pensar de forma contextualizada o idoso na contemporaneidade em meio às diferentes influências que sofre ao longo da história.

A população idosa assim como todos aqueles que fazem parte da sociedade se vê pressionada pelo sistema político e econômico que a segregá, exclui, opõe e discrimina. Como pensar, nos tempos atuais, de que maneira essa população vive experiências que possibilitem sua autonomia, independência e bem-estar físico e social? Como no processo do envelhecimento essa população pode ter em seu plano de vida um espaço para o desfrute de uma vida satisfatória?

A maioria decide e escolhe deixar para a velhice o momento de desfrute da vida, etapa em que imagina que estará livre de obrigações relacionadas ao trabalho e à família. Uma etapa da vida em que suas experiências seriam vividas de maneira plena e satisfatória. No entanto, pensando no cenário nacional, com a desigualdade econômica que produz cada vez mais marcadores sociais das diferenças torna-se inviável, para não afirmar impossível, o desfrute de experiências prazerosas. A população idosa ora é pressionada pela necessidade da continuidade do trabalho, ora é estigmatizada pela caracterização da velhice como doença, ora é marcada pela idade que equivocadamente passa a definir suas práticas sociais e culturais.

Assim entramos aqui com um pensamento baseado na reflexão de Larrosa referente à experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSSA, 2002, p. 21)

De que maneira pessoas idosas poderão viver experiências se possuem em seu dia a dia preocupações com a saúde, com a vulnerabilidade social, com a produtividade no trabalho ou com o consumo desenfreado, estimulado pelo sistema capitalista?

(...) a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. (LARROSSA, 2002, p. 23)

Naturalmente somos levados a pensar sobre esse tempo de experimentar, tempo de afetar e ser afetado, tempo de ser e estar consigo, com o outro e com o mundo que nos cerca. Refletir de que forma o velho percebe e apreende o tempo de maneira satisfatória sabendo que outra questão se torna tão importante quanto as demais: a finitude desse tempo de viver. “Cronos é o tempo das batidas do relógio, a marca implacável da finitude e temporalidade humana no processo de envelhecimento de nosso corpo” (PESSINI, apud Sesc SP, 2006, p. 66).

Para entender melhor o que seria um envelhecimento satisfatório podemos criar uma possibilidade de reflexão com o pensamento de Manuel Cuenca (2018):

O envelhecimento satisfatório enfatiza o significado das atividades que realizamos, que deverão estar em sintonia como nossas necessidades, nossos desejos e nossas capacidades. O termo satisfatório refere-se ao bem-estar que experimentamos quando fazemos algo com sentido e significado. Algo que depende de nós, ainda que logicamente, seja bastante determinado pelo ambiente e pelas circunstâncias em que vivemos. (CUENCA, 2018, p. 33)

**Artigo 6****A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

Viver bem, buscar o bem-estar físico, psicológico e social mesmo diante dos fantasmas trazidos pela finitude reconhece-se como uma importante decisão no campo das escolhas de cada sujeito na velhice. Cuenca (2018) ainda afirma:

O envelhecimento satisfatório, como acontece com a experiência do ócio, concentra-se na pessoa que envelhece, em seus gostos, desejos e interesses, priorizando-a em relação a outros projetos mais racionais ou utilitaristas, que nem por isso devem ser desmerecidos. (CUENCA, 2018, p. 33)

Como encontrar na velhice, em meio à agenda e às ocupações diárias, o tempo de ócio? Como apreender o tempo com possibilidades de fruição, de habitar a si mesmo e transformar-se de maneira significativa e satisfatória?

Relacionado também ao tempo livre das obrigações, o ócio pode ainda ser caracterizado como algo negativo na sociedade em que vivemos. Assim, podemos entender que uma das possibilidades de percepção de si e do mundo, de encontro com a natureza humana, de construção da própria identidade enquanto sujeito social pode estar na capacidade de inserção do ócio no modo de vida. No entanto isso não quer dizer que seja algo fácil de se conseguir, como afirma Cuenca (2018):

Da mesma maneira que o tempo livre não assegura a vivência do ócio porque estamos diante de algo que não depende de nós, e a transição de um estilo de vida centrado no trabalho para outro, centrado no que é satisfatório, também não é tarefa simples. (CUENCA, 2018, p. 33)

Há imaginários construídos em torno da velhice quanto a um tempo de não fazer nada, em que velhos são desocupados, porém em contraposição à realidade de que muitos velhos continuam trabalhando, cuidando da família e exercendo voluntariado em muitas situações. Assim, de uma forma ou de outra, somos levados a criar conexões entre o que entendemos por tempo livre, ócio e lazer. Pode-se afirmar que a maioria das concepções teóricas traz a relação entre tempo livre e trabalho, assim como uma função utilitarista, funcionalista desse tempo.



**Como pensar em uma sociedade que envelhece sem  
preservar sua subjetividade, sua essência e natureza  
humana, oferecendo o mínimo para que se possa contribuir  
com significado às gerações que estão por vir?**

Tempo livre, por sua vez, remete ao mundo burguês, mais propriamente, às formas de vida típicas da sociedade capitalista. O termo por si só já remete àquela parcela de tempo que é preenchida pelo trabalho. Nas palavras de Adorno (1995b:70), pela via da “diferença específica que o distingue do tempo não livre, o tempo livre é acorrentado ao seu oposto”. (MUSE, apud BRUHNS, 2002, p. 178)

É importante ressaltar que este artigo não tem como preocupação central tratar da discussão conceitual acerca do ócio, tempo livre e lazer. Não há interesse em um debate que aprofunde discussões sobre as reflexões, contradições, similaridades, tensões e a transversalidade ao longo da história, mas cabe sempre convocar alguns fundamentos teóricos para que possamos entender a relevância e a grande importância do tempo de fruição na velhice. Tempo esse que está centrado nos sujeitos sociais, sujeitos da experiência, atores principais nesta trama instigante que é a vida na contemporaneidade.

Para isso somos novamente conduzidos a refletir junto ao pensamento de Larrossa (2002) quando se refere ao sujeito da experiência:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura. (LARROSSA, 2002, p.24)

**Artigo 6****A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

E acrescenta:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-pos-to”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSSA, 2002, p. 24)

Pensar sobre a maneira como se está disposto à exposição de experiências na velhice é importante para que possamos entender o mundo social dessa população específica. De que maneira se criam vínculos afetivos, como se estabelecem as redes nas quais estão inseridos, como são lidos seus corpos, como são entendidos seus desejos e a sua função na estrutura social? Longe de serem apenas mais uma força de trabalho ou um peso na economia do país.

Pessini (2006) nos traz uma reflexão quanto aos tempos da vida, assinalando as preferências nas escolhas voltadas para o tempo da juventude em detrimento da velhice, a última etapa da vida.

Precisamos questionar a ideologia dos que elegem somente uma parte de suas vidas como significativa. Por exemplo, hoje se afirma que todo o sentido da vida se encontra na busca da eterna juventude. Nesta perspectiva passamos a gostar somente do tempo da juventude, a desconfiar do tempo de adultos e simplesmente detestar e rejeitar o tempo que marca o outono de nossa vida, ou seja, a velhice. (PESSINI, apud Sesc SP, 2006)

Voltamos ao tempo como fator importante na constituição do papel social do idoso na sociedade. O tempo de vida, o tempo de obrigações, o tempo livre, o tempo ocioso ou o tempo no lazer.

Qual o significado do tempo na velhice?

Pode-se pensar que o velho não tem tempo, pois está para morrer, ou mesmo que o velho não deveria se preocupar com o tempo, pois isso

não lhe deve afigir mais, isso é coisa para os novos. Entre estereótipos e estigmas o velho segue em busca da sua autenticidade e originalidade como protagonista da própria vida.

As narrativas construídas e sedimentadas encerram possibilidades, colocando contra a parede do tempo parcela da população que entre muitos marcadores sociais das diferenças traz a idade como oponente importante. O que se dá logicamente a partir de construções sociais e culturais equivocadas, reforçadas pelo sistema hegemônico de poder que privilegia muitos enquanto outros tantos vivem sem a possibilidade de acesso a oportunidades de uma vida social e participativa com qualidade.

Em contraponto ao tempo cronológico que marca sujeitos, trazemos à reflexão a contribuição de J. Clerton Martins (2013) quando menciona a identificação e a sistematização do tempo social em quatro tipologias descritas por Munné (1980): tempo psicobiológico, tempo socioeconômico, tempo sociocultural e tempo livre.

Como é de interesse deste artigo investigar a função social do ócio na velhice podemos utilizar para reflexão o seguinte trecho:

O terceiro tipo de tempo é o tempo sociocultural, dedicado às ações de demandas diferentes de sociabilidade dos indivíduos, referindo-se aos compromissos resultantes dos sistemas de valores e pautas estabelecidos pela sociedade e objeto maior de sanção social. Esta categoria de tempo pode encontrar-se tanto a nível heterocondicionado como autocondicionado (mais autonomia percebida), havendo a possibilidade de existir um equilíbrio entre os dois polos, não obstante intimamente vinculados. (MARTINS, 2013, p.14)

Surgem questionamentos importantes quanto à apreensão do tempo por adultos idosos em referência às práticas culturais por eles experimentadas. Na velhice somos e seremos sujeitos da experiência autocondicionados ou heterocondicionados? A intensa sobreposição de tarefas e imposição de valores atribuídos à produção e ao consumo serão os condicionadores de nossas escolhas e não afetamentos? Ou seremos afetados por escolhas pessoais a partir da nossa ação como sujeitos das experiências e protagonistas de nossas próprias histórias?

Podemos entender que o ócio traz possibilidades de transformações sociais quando livre do preconceito relacionado ao não fazer

**Artigo 6**

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

algo ou fazer algo com significado em si mesmo. Fazer o que importa, para quem se importa, da maneira que se importa, quando se importa. Aproveitar a velhice como tempo de viver a própria vida de maneira satisfatória, dentro dos interesses e desejos peculiares a cada história e com a singularidade presente nos sujeitos da experiência.

Ao citar Cuenca, Martins (2013) nos traz uma oportunidade de reflexão quanto às possibilidades trazidas pelo ócio:

Este autor concebe o ócio como experiência humana percebida pelo sujeito como satisfatória, prazerosa, desobrigada e sem necessidade de atender demandas exteriores. Dessa maneira trata-se de uma experiência de percepção livre, gratuita e autotélica (com um fim em si mesma), não sendo, então, guiada por metas ou finalidades úteis. Trata-se de uma experiência subjetiva repleta de sentido, constituindo uma vivência integral, relacionada com o sentido da vida e com os valores de cada pessoa, relacionando-se sobremaneira com o significado atribuído a quem vive. (MARTINS, 2013, apud CUENCA, 2003, p. 13)

Cabe aqui lembrar que a população idosa traz consigo direitos garantidos pela legislação, mas que não efetivam de forma alguma a sua participação social plena. A fruição do tempo, a percepção de si no ócio, longe de atender somente às condições físicas e psicológicas da população idosa, prevê sua participação social, comunitária e cultural. Exerce uma função social importante, trazendo à reflexão o próprio idoso como sujeito da experiência, e a experiência como fim em si mesma. Cria possibilidades de construções individuais e coletivas a partir da subjetividade na ação de cessar o fazer e iniciar o não fazer ou o fazer com significado.

Nesse ponto é interessante convocar o pensamento de Larrossa (2002) quanto ao saber da experiência:

Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSSA, 2002, p. 27)

Ficam ainda muitos questionamentos acerca da participação social do idoso, das necessidades de cada sujeito, das escolhas e das decisões tomadas para um envelhecimento satisfatório (CUENCA, 2018). Porém, também ficam inquietações e provocações a todos que de alguma forma discutem, dialogam e pesquisam acerca da participação social do idoso.

Penso aqui, neste espaço, na importância de terminar com uma pergunta para a continuidade desse processo reflexivo sobre a participação efetiva, satisfatória e ética do idoso como sujeito social: como poderíamos pensar na apropriação da cidade e dos diferentes territórios como lugares possíveis para o ócio na velhice?

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAPTISTA, M. M.; MARTINS, J. C. *O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação*. Coimbra: Gracio, 2013.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, Anped, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.
- BRUHNS, H. T. (org.). *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronus, 2002.
- CUENCA, M. C. *Ócio valioso para envelhecer bem*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.
- DINES, Y. S. *Cidadelas da cultura no lazer: uma reflexão em antropologia da imagem sobre o Sesc São Paulo*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2012.
- GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F (org.). *O direito social ao lazer no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2015 (Coleção educação física e esportes).
- LOPES, M. R. R.; MARTINS, J. C. O. (org.) *Envelhecer: tempo de (re)criar a vida*. Curitiba: CRV, 2017.
- MAGNANI, J. G. C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, E. (org.) *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2018.
- PADILHA, V. (org.). *Dialética do lazer*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SESC SP. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 2, São Paulo, Sesc, 2018.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 28, n. 70, abr. 2018.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 25, n. 60, jul. 2014.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 32, n. 80, ago. 2021.
- SESC SP. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc; PUC, 2006.